



DESINFORMAÇÃO

Osmar José de Barros Ribeiro

Mais uma vez, o autor se ocupa do tema em foc.

Desta feita, ele destaca as concepções que soviéticos e norte-americanos têm sobre o mesmo e suas formas mais comuns. Além de tratar do jogo da desinformação, demonstra ainda, com exemplo oportuno e atual, que o emprego dessa arma, de existência milenar, se tornou corriqueiro em nossos dias. Extrapolando o campo restrito da estratégia militar passou a ser usada visando a objetivos ligados às demais expressões de poder nacional, com um alcance jamais imaginado, tal sua capacidade de manipular a opinião pública em seu favor.

INTRODUÇÃO

A desinformação sempre existiu, desde os tempos mais remotos, usada com maior ou menor eficiência. Sun Tzu, freqüentemente citado quando vem à baila o tema estratégia, já lhe fazia referência, ao enfatizar a necessidade de semear a cizânia entre os membros de um governo e entre este e seus governados, como forma de tornar mais fácil e, tanto quanto possível, menos violenta, a conquista de uma dada região.

E isso alguns milênios antes de Cristo, quando diferentes dinastias buscavam afirmar sua hegemonia sobre o território que hoje, a grosso modo, é representado pela China Continental.

Muitos confundem desinformação com propaganda, ainda que esta seja, em determinados casos e sob certas condições, um instrumento daquela.

A desinformação, tal como deve ser entendida, pode ser e é empregada, com este ou outros propósitos menos claros, nas diferentes expressões do poder nacional.

isso equivale a dizer que ela é, sobretudo, um instrumento político, a representação de uma verdade muito simples e muito freqüentemente esquecida, quando são apreciados temas estratégicos: sempre que estão em jogo interesses políticos, econômicos ou militares, não existem amigos e sim eventuais aliados ou adversários. Em outras palavras: na busca de um objetivo de elevada significação, quer se fale em termos de Estado quer de grandes corporações industriais ou comerciais, são válidos todos os instrumentos para alcançá-lo, da propaganda às pressões econômicas.

Entre Estados independentes e soberanos, busca-se, com o emprego da desinformação, influir sobre o comportamento de políticos, minar o moral dos líderes nacionais, enfraquecer as instituições, prejudicar o relacionamento entre vizinhos e, em última análise, enfraquecer o governo.

O atual estágio dos meios de comunicação social, transformando o mundo na grande aldeia global prognosticada por Mac Luhan, em muito facilita as atividades de desinformação, notadamente aquelas empreendidas pelas potências mundiais, as quais tanto se valem das relações diplomáticas, culturais e militares, como da ação de agentes de influência, de organizações de frente, do apoio

prestado a grupos de oposição armada e finalmente, embora não a mais importante necessariamente, dos recursos da propaganda, quer seja ela "branca", "cinza" ou "negra".

Assim, a desinformação deve ser entendida como sendo a manipulação planejada de dados e/ou conhecimentos, sigilosos ou não, destinados a iludir ou confundir um centro de decisões adverso.

De qualquer forma, há que assinalar o fato de que a desinformação não pode e não deve ser confundida, quer com simulação, quer com dissimulação. Ela tanto pode buscar atingir um governo estrangeiro, quanto parcela da elite de uma nação ou mesmo, em determinados casos, toda a população de um dado país. Daí ser válido concluir que, em muitos casos, a desinformação utilizará a propaganda, fazendo o mais amplo emprego possível dos meios de comunicação social, sempre colimando a realização de objetivos estratégicos, ainda que em tal quadro possa existir a desinformação tática, levada a cabo pela atribuição de missões individuais.

A DESINFORMAÇÃO NA CONCEPÇÃO SOVIÉTICA

Nenhum dicionário da língua portuguesa capitula o vocábulo "desinformação". O mesmo

acontece com o *Webster's New World Dictionary*, o qual, no entanto, registra *misinformation*, com o significado de "informação equivocada ou falsa, com base em dados errados ou em simples ignorância".

No entanto, na *Grande Enciclopédia Soviética*, "desinformação" é definida como sendo "a disseminação (pela imprensa, rádio, etc.) de informações falsas, com a intenção de iludir a opinião pública".

Tal interpretação pode e deve, ela mesma, ser tomada como desinformação, posto que a opinião pública é apenas, quando for o caso, um dos alvos potenciais da desinformação. Na verdade, a desinformação destinada a manipular, por exemplo, uma elite envolvida com decisões de alto nível não recebe, por razões óbvias, qualquer tipo de publicidade.

Para os soviéticos, sem dúvida alguma os maiores mestres desse tipo de ação na atualidade, a desinformação pode ser de natureza política, psicossocial, militar e mesmo técnico-científica. Para ter possibilidade de sucesso, a desinformação deve, ao menos parcialmente, corresponder à realidade ou fazer eco a pontos de vista comumente aceitos, muito particularmente quando o alvo for conhecedor de tais práticas. Considerando que sem um elevado grau de credibilidade e

confiabilidade fica extremamente difícil obter sucesso com uma Operação de Desinformação, a desinformação é, para o KGB, considerada nos seguintes termos:

"A desinformação estratégica auxilia na execução das tarefas do Estado e objetiva iludir o inimigo quanto às questões básicas da sua política, à situação econômico-militar e às conquistas técnico-científicas da União Soviética; confundir a política dos Estados imperialistas entre si e as suas relações com outros países; auxiliar as missões específicas de contra-informação dos organismos de segurança do Estado Soviético... No que respeita a assuntos estratégicos, a desinformação é uma atribuição governamental, a ser conduzida por ministérios e comitês apropriados e o Alto-Comando das Forças Armadas.

"A desinformação tática torna possível a execução de missões individuais num quadro de desinformação estratégica e deve ser conduzida de conformidade com os princípios do trabalho de desinformação, preconizados pelos Órgãos de Segurança do Estado."

Do exposto, é lícito concluir que os soviéticos fazem, da desinformação uma das armas para a conquista dos seus objetivos estratégicos, utilizando-a de forma extremamente eficiente, posto contarem, nos países-al-

vo, com seguidores obedientes às diretrizes emanadas da URSS. Dentro da premissa fundamental de que toda e qualquer atividade envolve uma certa dose de conflito, e segundo a visão soviética de que, em um mundo regido por diferentes sistemas sociais, a guerra (em qualquer de suas formas) e a luta pelo poder são acontecimentos normais, é perfeitamente compreensível o interesse e a aplicação que fazem da desinformação. Dentro de tal enfoque é que devem ser estudados e interpretados os objetivos maiores que orientam a atividade soviética — ostensiva ou não — e que são, em resumo, os seguintes: manter a segurança nas áreas sob sua influência; dividir seus oponentes; manter a liderança no mundo comunista; promover a idéia do “proletariado internacional” e manter acesa a chama dos Movimentos de Libertação Nacional que, direta ou indiretamente, atendam aos seus interesses.

Sem dúvida, poder-se-á argumentar que a “perestroika” incrementada por Gorbachov terá relegado tais práticas a um segundo plano. Nada mais egonoso! A URSS atravessa, hoje, inegavelmente, momentos difíceis em sua economia interna e tal situação, sem a menor sombra de dúvida, forçou uma alteração de monta na política de “mais canhões e menos manteiga”. Isto já foi feito antes, sob

Lenine e, após estabilizada a situação, já sob Stalin, o panorama mudou radicalmente. Hoje, em sã consciência, quem pode garantir que a “perestroika”, cantada em prosa e verso no Ocidente não será, em termos de uma estratégia a longo prazo, uma gigantesca e bem montada operação de desinformação? Quem viver, verá...

A DESINFORMAÇÃO NA CONCEPÇÃO NORTE-AMERICANA

Obviamente, os princípios gerais da desinformação variam muito pouco, mormente quando se considera que os objetivos das grandes potências são muito semelhantes em termos de afirmação hegemônica, notadamente, no caso do Ocidente, no campo econômico, com a consequência não menos óbvia de influência política, psicossocial e militar. De qualquer forma, no Ocidente, a desinformação não pode ser conduzida com a mesma facilidade com que o é naqueles países submetidos a regimes de força e, mais que isso, onde a dominação do partido único é incontestável e incontestável, fazendo do controle dos meios de comunicação social, pelo Estado, a norma geral.

Para a CIA, no já distante ano de 1965, a desinformação era considerada como sendo uma informação falsa, transmi-

tida, alimentada ou confirmada para um determinado público-alvo (indivíduo, grupo ou país), objetivando conduzi-lo à adoção de medidas favoráveis ao autor da desinformação.

Embora na visão norte-americana a desinformação tanto possa ser feita de forma aberta quanto clandestina, somente serão abordados os processos utilizados na segunda.

Desinformação clandestina é uma comunicação que não pode, em princípio, ser atribuída a uma determinada fonte. Escrita ou oral, contém dados intencionalmente falsos, incompletos ou errôneos, freqüentemente em combinação com dados verdadeiros. Seu alvo tanto pode ser um governo estrangeiro, uma elite não-governamental ou, simplesmente, o grande público. Por ser clandestina, é utilizada de forma seletiva e discriminada.

Do exposto, fácil é verificar que pouca ou nenhuma diferença existe no que respeita à desinformação como é praticada na URSS ou nos EUA e, por extensão, em qualquer país que tenha quadros competentes, objetivos claramente definidos em âmbito mundial ou regional e clara consciência de sua importância na ordem natural das coisas.

O JOGO DA DESINFORMAÇÃO

No livro *The KGB and Soviet Desinformation*, da autoria de Ladislav Bittman, ex-integrante do Serviço de Informações e Segurança da Tchecoslováquia, lê-se o seguinte:

"A desinformação é um tipo de jogo no qual os participantes exercem um dos seguintes papéis: controlador, agente inconsciente e alvo. O controlador é, a um só tempo, autor e condutor da operação. O agente inconsciente é um elemento que desconhece o seu real papel e o controlador dele se utiliza para atingir o alvo. Este, por seu turno, tanto pode ser um Estado estrangeiro quanto as suas principais autoridades ou mesmo o cidadão comum.

Convém assinalar que o agente inconsciente pode vir a ser objeto de contramedidas por parte de um alvo que o confunda com o verdadeiro controlador. Notadamente nos países em desenvolvimento, o papel de agente inconsciente, com relativa freqüência, é dado a personalidades importantes, agências de notícias ou a órgãos de imprensa. Os papéis de alvo e de agente inconsciente não se circunscrevem, necessariamente, aos nacionais de um dado país; eles podem, por exemplo, ser exercidos por agências ou órgãos governamentais, institui-

ções diversas ou por determinados indivíduos de alguma notoriedade dentro do país considerado.

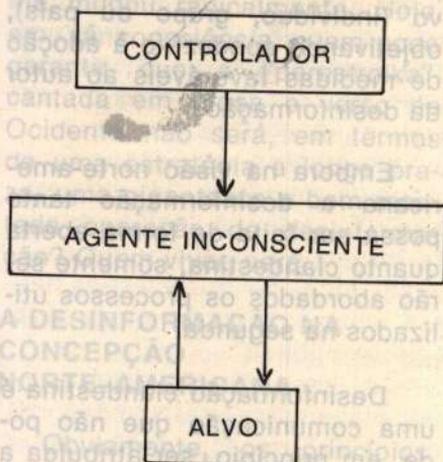
Em um determinado tipo de ação, o controlador atua de forma indireta sobre o alvo, através do agente inconsciente:



Neste caso, o controlador busca dirigir as ações do agente inconsciente o qual, de forma voluntária ou não, passa a cumprir a missão do controlador, agindo sobre o alvo por sua própria iniciativa. Nada impede tal ação, mesmo com o risco de o agente inconsciente vir a tornar-se objeto de contramedidas do alvo.

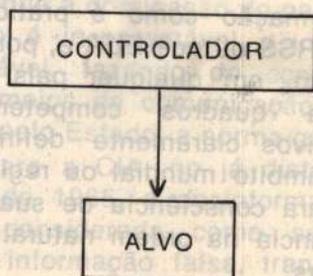
Em outra versão, o controlador atua diretamente sobre o alvo que, embora procure defender-se, sem dispor de uma evidência clara e real quanto ao

inimigo, confunde o agente inconsciente com o controlador:



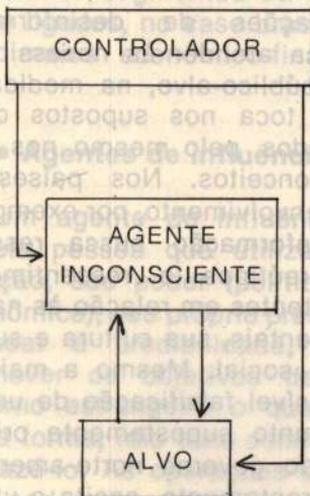
O agente inconsciente torna-se objeto das contramedidas desencadeadas pelo alvo e, ato contínuo, procura defender-se. Isto termina por levar a uma troca de ataques e acusações entre ambos, com óbvias vantagens para o controlador.

Em uma outra hipótese, o controlador ataca diretamente o alvo que, por incapacidade ou incompetência, não consegue identificar aquela ação como sendo um ato hostil:



Ao contrário, o alvo percebe o ataque como sendo consequência dos seus próprios defeitos e limitações, ou mesmo tratar-se de algo que não lhe diz respeito, não caracterizando o ataque como tal.

Finalmente, o controlador pode atingir, a um só tempo, o alvo e o agente inconsciente presumindo, no mais das vezes acertadamente, que sua ação desencadeará uma série de hostilidades entre ambos.



Nesta versão, o controlador deve agir no sentido de convencer tanto o alvo quanto o agente inconsciente, de preferência a ambos, de que um é o responsável pelos ataques feitos ao outro.

Tais situações esquemáticas mostram casos ideais, nos quais

o controlador é capaz de manter em segredo o seu papel. Existem ocasiões nas quais o controlador está, total ou parcialmente exposto e, desta forma, sujeito às contramedidas, particularmente quando o alvo é o governo de um dado país. Contudo, raramente tal acontece porque, ainda que o alvo venha a descobrir uma operação de desinformação sendo executada, poucas vezes disporá de elementos e evidências que provem, sem a menor sombra de dúvida, a culpa do controlador."

FORMAS MAIS COMUNS DE DESINFORMAÇÃO

Muito embora a desinformação possa utilizar um sem-número de formas, limitadas apenas pela imaginação humana a serviço de um Estado, de um grupo político ou mesmo de um grupo econômico, existem determinados padrões consagrados não só pelo uso quanto pelo sucesso obtido em diferentes oportunidades. Alguns deles serão expostos a seguir.

Propaganda de Desinformação

Este tipo de propaganda objetiva alcançar, no caso de um país-alvo, a desmoralização e o enfraquecimento do governo, enquanto a fonte e as metas buscadas permanecem ocultas do grande público. Nesse caso,

a desinformação contém, normalmente, um grande número de dados perfeitamente corretos e, com alguma freqüência, no caso de o alvo ser o governo de um determinado país, pode mesmo conter críticas aos governantes do país-origem da operação. Na apresentação da mensagem, são desenvolvidos todos os esforços no sentido de evitar que seja realizada uma análise crítica daquelas partes onde é feito o esforço de desinformação. O mais importante objetivo buscado é o de causar prejuízos ao alvo e não somente iludi-lo. A vítima da desinformação deve ser levada a infligir-se danos, direta ou indiretamente, tanto por atuar contra os seus próprios interesses, com base em conhecimentos falsos, quanto permanecendo em uma atitude passiva, quando seria necessário agir sem tardança.

A propaganda de desinformação assume várias formas, das quais as principais são as seguintes: boatos; documentos falsificados; organização de campanhas na imprensa mundial com o auxílio de agentes de influência; campanhas conduzidas através de emissoras de rádio e de televisão. Todo e qualquer canal de comunicação pode ser empregado na disseminação da propaganda de desinformação mas, se o seu propósito é desencadear uma reação em cadeia na opinião pública, a

escolha do melhor meio para fazer surgir a estória, é extremamente importante. Quando cabe aos soviéticos realizarem tal escolha, eles normalmente preferem os jornais e as revistas, posto que a matéria impressa tem vida muito mais longa que aquela simplesmente veiculada através uma emissora de rádio, por exemplo.

O que torna uma desinformação aceitável e digna de crédito, ainda que sua origem seja desconhecida ou mesmo duvidosa? A maior parte das operações de desinformação busca atender às necessidades do público-alvo, na medida em que toca nos supostos danos sofridos pelo mesmo nos seus preconceitos. Nos países em desenvolvimento, por exemplo, a desinformação busca ressaltar estereótipos e ressentimentos existentes em relação às nações ocidentais, sua cultura e sua ordem social. Mesmo a mais implausível falsificação de um documento supostamente originado do governo norte-americano é, prontamente, aceita e utilizada como símbolo da falta de princípios e de sensibilidade do mesmo, já que proporciona um apoio psicológico à maneira de pensar da audiência-alvo. Os extremistas, quer de esquerda, quer de direita, são os alvos mais receptivos pois, intolerantes e céticos, tendem a aceitar como verdadeiras as acusações

mais absurdas, desde que estejam de acordo com seus ressentimentos e prevenções.

• Boato

Esta é uma outra técnica de desinformação largamente empregada, particularmente nos meios políticos e econômicos. O boato desenvolve-se mais facilmente, quando existe dificuldade de comunicação entre os escalões mais elevados do governo e a massa popular, ou entre aqueles e segmentos da sociedade ligados, no caso brasileiro, aos meios econômico-financeiros.

• Agentes de influência

Um agente de influência é aquela pessoa que utiliza sua posição, seu poder (político ou econômico), seu próprio prestígio pessoal e credibilidade, para promover os objetivos de um governo estrangeiro o qual, de outra forma, não teria condições de fazê-lo. As operações desse tipo podem ser levadas a cabo por agentes controlados (elementos recrutados para defender os interesses de um determinado país, em atendimento a ordens específicas), por simpatizantes (indivíduos que conscientemente colaboram no atendimento de objetivos externos, mas que não são formalmente recrutados e controlados) e, fi-

nalmente, por agentes inconscientes, os quais nada mais são que indivíduos, conforme visto anteriormente, movidos por razões as mais diversas.

UM EXEMPLO ATUAL

A pressão que organismos ecológicos, em âmbito mundial, vêm fazendo contra a pretensão brasileira de construir uma estrada que, ligando o Estado do Acre ao Peru, venha a dar ao País uma saída para o Pacífico, é bem o exemplo de uma campanha de desinformação muito bem executada. Assim, em primeiro lugar, há que se perguntar: a quem interessa evitar que o Brasil alcance o Oceano Pacífico e quais as suas razões?

É sabido que, no século XXI, os grandes mercados, os grandes centros de poder, estarão centrados naqueles continentes banhados pelo Pacífico e que concentram a grande maioria da população mundial. Claro que a produção de alimentos estará voltada para o atendimento das necessidades alimentares de tais centros de poder, mercados potencialmente ricos e cujas fronteiras agrícolas já se mostram insuficientes para alimentar as populações que ali vivem. Isto posto, considerando que o Brasil tem potencial para, passando da fantasia à realidade, transformar-se, realmente, no celeiro do mundo, interessa aos

concorrentes atuais e/ou potenciais, limitar o acesso da produção brasileira a mercados tão promissores, encarecendo seus fretes pelo aumento das distâncias a serem percorridas e, assim, retirando-lhe condições de competitividade. Para tanto, nada melhor que impedir o escoamento da produção brasileira, particularmente de gêneros alimentícios, através de um porto no Oceano Pacífico, o qual, por razões óbvias, dar-lhe-ia condições de competitividade.

Hoje, quando nosso País tem condições de resistir às pressões militares, o caminho natural é transformá-las em econômicas e psicossociais, alegando que a abertura da estrada, anteriormente referida, trará prejuízos ecológicos não só ao Brasil mas ao mundo, na medida em que a área a ser cruzada pela rodovia provocará a desertificação da Amazônia e outros inconvenientes, tais como a destruição da camada de ozônio que envolve a terra etc. Nessa campanha, de âmbito internacional, com nítido e evidente propósito de desinformação, contando com o apoio dos órgãos de comunicação social, encontram-se engajados intelectuais (com e sem aspas), artistas de maior ou menor expressão, políticos de diferentes origens ideológicas e pessoas comuns as quais têm, como semelhança, na maior parte dos

casos, apenas o fato de jamais terem ido à Amazônia nem lido qualquer coisa de maior profundidade sobre um assunto que, tão valentemente, defendem.

CONCLUSÃO

A desinformação, assunto tratado ao longo deste trabalho, inquestionavelmente é uma arma, empregada nas diferentes Expressões do Poder Nacional, para influenciar acontecimentos que nele tenham reflexo. Como toda e qualquer arma, sua utilização deve ser bem conhecida, para permitir tanto o emprego defensivo quanto o ofensivo.

Daí, a importância da Análise da Propaganda Adversa, das ações de contra-espionagem, enfim da contra-informação como um todo, agindo em conjunto com aqueles órgãos governamentais responsáveis pelo acompanhamento dos meios de comunicação.

As medidas de desinformação tanto podem ser conduzidas de forma ostensiva (diferentes formas de propaganda levadas a cabo por um país estrangeiro, relações diplomáticas, culturais etc.), quanto de forma secreta (propaganda 'negra' ou 'cinza', falsificação de documentos, emissoras clandestinas, agentes de influência e organizações de frente). De uma forma ou de outra, é atribuição específica dos órgãos de informações, identifi-

ca-las e os seus responsáveis, de forma a permitir que as autoridades governamentais a elas se oponham com pleno conhecimento de causa.

BIBLIOGRAFIA

1. A BERKLEY BOOK - *Dezinformatzia: active measures in soviet strategy*. 1986.

2. BITTMAN, Ladislav - *The KGB and soviet desinformation - an insider view*. Pergamon Brasseys - International Defense Publishers, 1988.
3. DULLES, Allen - *Officio de espião*. Livraria Bertrand, Lisboa, 1963.
4. KENT, Sherman - *Informações estratégicas*. Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1967.
5. PLATT, Washington - *A produção de informações estratégicas*. Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1974.

RETROSPECTIVA HISTÓRICA

INTRODUÇÃO

Os sistemas de armas são produtos de uma evolução histórica que se desenvolveu ao longo do tempo. A sua complexidade e o custo associado tornaram-nos essenciais para a defesa nacional. A análise de sistemas de armas é uma disciplina que se desenvolveu ao longo do tempo, permitindo a identificação de falhas e a melhoria dos sistemas. A confiabilidade é um dos aspectos mais importantes da análise de sistemas de armas, pois determina a capacidade de um sistema de cumprir a sua função durante o tempo necessário. A análise de sistemas de armas é uma disciplina que se desenvolveu ao longo do tempo, permitindo a identificação de falhas e a melhoria dos sistemas. A confiabilidade é um dos aspectos mais importantes da análise de sistemas de armas, pois determina a capacidade de um sistema de cumprir a sua função durante o tempo necessário.